

## **A configuração da Mobilidade Internacional em nível de graduação em uma IES Brasileira**

**Della Méa , Liliane Gontan Timm<sup>1</sup> - [lilianedm09@gmail.com](mailto:lilianedm09@gmail.com)**

**Regio , Maria de Lourdes Severo<sup>2</sup>- [biasr@cpd.ufsm.br](mailto:biasr@cpd.ufsm.br)**

**Schuch Júnior , Vitor Francisco<sup>3</sup> - [vfschuch@gmail.com](mailto:vfschuch@gmail.com)**

**Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil**

[sai@ufsm.br](mailto:sai@ufsm.br)

### **Resumo**

Pretende-se, com este estudo contribuir para o conhecimento da realidade atual da mobilidade acadêmica internacional no Brasil. Com sua divulgação espera-se contribuir para o resgate deste marco institucional que configurou, nos últimos séculos da Idade Média, o surgimento das Universitas Magistrorum e Scholarium, as Universidades. Está fundamentado na evolução da Educação Superior no Brasil, destacando a sua expansão e sua interiorização com a fundação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Trata do processo de internacionalização da Educação Superior e a sua busca por estratégias por meio das cooperações internacionais, sejam elas convênios, redes universitárias ou programas de incentivo a mobilidade acadêmica internacional. A pesquisa teve por objetivo identificar a mobilidade acadêmica, em nível de graduação, com foco no Programa Ciências sem Fronteiras do Governo Federal Brasileiro e em Cooperações Internacionais firmadas com a UFSM. Utilizou-se o método de estudo de caso qualitativo e quantitativo, analisando o perfil do acadêmico e os pontos positivos e negativos da sua mobilidade acadêmica internacional, por meio do Sistema de Informações para o Ensino (SIE). Os resultados identificam além do perfil constantes no gênero, idade e áreas de conhecimento dos acadêmicos, o impacto gerado na sua mobilidade acadêmica referenciadas nos seus aspectos positivos e negativos. Pretende-se contribuir no conhecimento em torno da realidade da mobilidade acadêmica internacional no cenário brasileiro.

**Palavras-chave:** Mobilidade Acadêmica, Educação Superior, Internacionalização.

---

<sup>1</sup> Liliane Gontan Timm Della Méa é mestra em Gestão das Organizações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Maria de Lourdes Severo Regio é mestra em Administração pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Vitor Francisco Schuch Júnior é professor no Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

## **1 Introdução**

Este artigo é um levantamento, realizado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), uma Instituição Federal de Educação Superior, Autarquia Especial vinculada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC). A UFSM está localizada no interior do Rio Grande do Sul e foi criada pela Lei n. 3.834- C, de 14 de dezembro de 1960. A pesquisa teve por objetivo identificar a mobilidade acadêmica, em nível de graduação, com foco no Programa Ciências sem Fronteiras do Governo Federal Brasileiro e em Cooperações Internacionais firmadas com a UFSM.

A pesquisa envolveu um levantamento junto ao Sistema de Informações para o Ensino (SIE) onde são inseridos e cadastrados todos os alunos da UFSM. Primeiro identificando todos os discentes que estão em situação de mobilidade acadêmica internacional, sejam eles brasileiros ou estrangeiros. Segundo, verificando o perfil, as áreas de concentração da sua mobilidade e os países de origem e destinos destes alunos. Posteriormente, realizado um levantamento qualitativo com informações dos pontos positivos e negativos de sua mobilidade.

Como fundamentação teórica para abordagem acadêmica, o estudo traz em sua estrutura, as origens da Educação Superior no Brasil, a Internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) e as Cooperações. Neste contexto o presente trabalho analisou, por meio de um levantamento, a realidade do intercâmbio e da mobilidade acadêmica na UFSM e sua contribuição para o resgate deste marco institucional que configurou, nos últimos séculos da Idade Média, o surgimento das Universitas Magistrorum e Scholarium, as Universidades.

## **2 Fundamentação Teórica Conceitual**

### **2.1 Evolução da Educação Superior no Brasil**

No Brasil, a educação superior é parte integrante da história da sociedade brasileira e entender como ocorre este processo exige uma compreensão do tempo e espaço em que ela surge. De acordo com Colossiet et al (2001) educação é um processo social que muitas vezes envolve grupos pequenos, como a família, ou grandes, como a comunidade. Os processos educacionais dependem muito do estado em que se encontra,

de maneira geral, o corpo social. O fato é que toda mudança na estrutura política, econômica, social deste grupo mais amplo influencia na educação.

O ensino superior, no Brasil, pode ser considerado um caso atípico no contexto latino-americano. Para Stallivieri (2006) o grande desafio da América Latina é oferecer à população aprendizagem, pesquisa e oportunidades de trabalho de forma equitativa e equilibrada. O continente latino americano é caracterizado por possuir muitas desigualdades e o Brasil é parte integrante deste grupo.

A literatura mostra que no século XVI, Brasil Colônia, não foram fundadas universidades como os espanhóis fizeram em suas possessões na América, este marco para a educação brasileira ocorreu quase três séculos mais tarde, início do século XIX com a vinda da família Real portuguesa. Neste período foram criadas escolas profissionalizantes isoladas com foco na formação profissional, mas em poucas áreas do conhecimento. Alguns levantamentos revelam o aparecimento das três primeiras IES no Brasil: Escola de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, Escola de Engenharia e Arte Militar do Rio de Janeiro. Algumas datas ilustram, também, a trajetória da educação superior no Brasil. Em 1827 foram criados os Cursos de Ciências Jurídicas em São Paulo e em Olinda. Em 1889, a República se desenvolve com a criação de 14 Escolas Superiores. A Universidade de Manaus, criada em 1909, mostrou a força do ciclo da borracha e, em 1912, a Universidade do Paraná, no contexto do ciclo do café. Posteriormente foram criadas a Universidade do Rio de Janeiro, em 1920, de Minas Gerais, em 1927, de São Paulo, em 1937, e, em 1961, a Universidade de Brasília. (COLOSSI, CONSENTINO, QUEIROZ, 2001).

A expansão das IES, no Brasil, é expressiva a partir da segunda metade da década de 1990, chegando em 2011 a 2.365 IES, das quais 284 são públicas e 2.081 privadas, em cursos de graduação, envolvendo 6.739.689 alunos matriculados, e a tendência é de continuar aumentando, considerando o crescimento econômico e perspectiva da sociedade brasileira.

A UFSM, inserida entre as 68 universidades federais de ensino, foi fundada por José Mariano da Rocha Filho em 18 de março de 1961, em Santa Maria (RS). De acordo com informações do SIE<sup>4</sup>, foi possível identificar a evolução do número de matrículas de 2010 a 2012. (TABELA 1)

---

<sup>4</sup> Informações obtidas no CPD (Centro de Processamento de Dados – UFSM) dos registros no Sistema SIE (Sistema de Informações para o Ensino), pertencente à UFSM, em Julho de 2013

**Tabela 1 – Matriculados de 2010 a 2012 na UFSM.**

Número de Matrículas	Graduação		2010	2011	2012
		Presencial	15.347	16.575	17.311
	EAD	1.915	1.930	2.149	
<b>Total</b>		17.262	18.505	19.460	

Verifica-se, portanto que a Educação Superior surgiu no Brasil tardiamente e não foi em uma Instituição do tipo “Universitas” e sim em escolas superiores profissionalizantes descomprometidas com a produção e disseminação do conhecimento universal como em suas origens na Europa. Mais recentemente, há algumas décadas, novas instituições urgiram como uma proposta diferenciada que não fosse a mera justaposição de escolas com foco restritamente orientado para a formação profissional em carreiras tradicionais. Dentre elas destaca-se a UFSM, a primeira universidade criada fora de uma capital, um marco na interiorização da Educação Superior. Esta Universidade já surgiu com uma nova proposta de pesquisa e de internacionalização. Criou a Faculdade Interamericana de Educação, com o primeiro Curso de Pós-Graduação da América Latina.

## **2.2 Internacionalização**

Muitos autores buscam definir a Internacionalização da Educação Superior, seja definindo-a como um processo amplo construído pelas universidades, seja definindo-a como estratégia da globalização. Para Morosini (2006, p. 115), a internacionalização da Educação Superior:

[...] é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados apresentando diversas fases de desenvolvimento. São citadas: a) dimensão internacional – presente no século XX, que caracterizava por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional: atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) internacionalização da Educação Superior, posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior.

Para este estudo, utilizou-se a temática da internacionalização como um processo construído pelas IES. Para Stallivieri (2004), a temática da internacionalização e seu processo estão presentes desde a Idade Média, com a criação das primeiras escolas europeias. A formação dessas escolas, chamadas universitas, contava com professores e

estudantes de diferentes regiões e países, apresentando, em sua constituição, comunidades internacionais, que se reuniam em busca de conhecimento.

O processo de internacionalização da Educação Superior recebe influências do mundo inteiro, como se pode perceber por meio da Declaração de Bologna, que objetiva uma educação superior coerente, compatível e atrativa para estudantes europeus e de outros países (BATISTA, 2009), impactando no cenário mundial da Educação Superior, e, da década de 70, em que foram estabelecidos programas nacionais com a finalidade de apoiar atividades de pesquisa para estudantes de pós-graduação no exterior, especialmente projetos de pesquisa conjunta (LAUS; MOROSINI, 2005).

A internacionalização está provando ser uma ferramenta útil para ajudar as instituições a fixar pontos de referência e sair com soluções inovadoras em relação à gerência, a academia e à investigação. Esta segue sendo outra forma em que a internacionalização pode ajudar a fortalecer a qualidade das instituições de educação superior e as funções primordiais do ensino, da aprendizagem e do serviço (KNIGHT, 2004).

Nesta busca crescente por políticas de internacionalização, destaca-se o Programa Ciência sem Fronteiras, criado pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 7462, de 13 de dezembro de 2011, e desenvolvido pela CAPES/MEC e pelo CNPq/Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Segundo o Decreto: o Programa Ciência sem Fronteiras busca propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias (BRASIL, 2012).

Uma forte razão para internacionalização das IES, conforme o entendimento aqui adotado é a de proporcionar uma diversidade de conceitos, ideologias e culturas, fortalecendo o ensino, a pesquisa e a extensão, contribuindo com sua qualificação e ampliando a produção de conhecimento e sua difusão na comunidade internacional. Trata-se de uma questão de sobrevivência, no sentido de que é necessário internacionalizar para que seja possível competir em níveis de igualdade com as melhores IES nacionais e estrangeiras (STALLIVEIRI, 2003).

No caso da UFSM, além do Programa Ciência sem Fronteiras que alavancou a mobilidade acadêmica internacional, por meio da graduação sanduíche, podemos destacar, a mobilidade da Associação das Universidades do Grupo Montevideu

(AUGM), o Programa Brasil-México (BRAMEX) e do Grupo Coimbra das Universidades Brasileiras (GCUB)

### **2.3 Cooperação Internacional - Redes Acadêmicas**

Para o desenvolvimento da Internacionalização, as IFES buscam como estratégia as Cooperações Internacionais, almejando o seu fortalecimento, trocas de experiências e a difusão de conhecimentos. Stallivieri (2003) reforça: “as universidades se vêem quase que obrigadas a buscar a cooperação que esse é o caminho pelo qual elas obterão o apoio necessário para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão. Encontramos nos programas de cooperação internacional um incremento de competência no desenvolvimento de sua missão social”.

Uma das tendências atuais dentro da Cooperação Internacional são as Redes Universitárias. No Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), uma das redes universitárias que se destaca, é a AUGM, que é uma organização civil, não-governamental, sem fins lucrativos, fundada em Montevideu, Uruguai, em 1991, tendo como um dos seus objetivos contribuir para o fortalecimento e consolidação de uma massa crítica de recursos humanos de alto nível, aproveitando as vantagens cooperativas que oferecem as capacidades instaladas na região (VELA, 2005). Atualmente, é composta por 28 universidades, sendo que 10 Argentinas, 02 Bolivianas, 10 Brasileiras, 02 Chilenas, 03 Paraguaias e 01 Uruguaia (AUGM, 2013).

Os Programas de Cooperação Acadêmica Internacional que visam proporcionar a consolidação e o fortalecimento dos sistemas de graduação do Brasil com outros países, bem como qualificação de recursos humanos por meio da mobilidade acadêmica. Evidencia-se o BRAMEX, que é um Acordo de Cooperação Acadêmica firmada entre o GCUB e a Associação Nacional de Universidades e Instituições de Educação Superior da República do México (ANUIES), visando o intercâmbio de estudantes do Brasil e México. (GCUB, 2013)

Destaca-se, ainda, o Programa de Ensino de Graduação (PEC G) – Parceria do Ministério das Relações Exteriores, MEC e IES. Este programa de estudantes-convênio de graduação oferece oportunidade de formação superior a cidadãos de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Desenvolvido pelos Ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas federais, estaduais e

particulares, o PEC G seleciona estrangeiros, com o ensino médio completo, para realizar estudos de graduação no Brasil. (BRASIL, 2013)

### **3 Metodologia**

A estratégia metodológica quanto aos procedimentos foi o levantamento, que de acordo com Gil (1991) caracteriza-se como a solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado. No intuito de atender os objetivos da pesquisa, realizou-se uma pesquisa descritiva que de acordo com Silva e Menezes (2005) visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. A forma de abordagem do problema de pesquisa caracteriza-se por utilizar a combinação de métodos quantitativos e qualitativos de coleta e análise de dados.

Minayo e Sanches (1993) argumentam que o método de pesquisa qualitativo tende a ser utilizado com o objetivo de possibilitar ao pesquisador a compreensão acerca de determinado fenômeno, no qual se pretende investigar a sua complexidade interna.

Por outro lado, a pesquisa quantitativa é utilizada para o estudo de grandes aglomerados de dados e de conjuntos demográfico, tendo maior aplicabilidade no levantamento do perfil de determinada população bem como identificar o grau de conhecimento e opiniões como hábitos e comportamento da mesma (MINAYO E SANCHES, 1993). No entendimento de Goldenberger (1997) e Creswell (2008) a combinação de métodos quantitativos e qualitativos proporciona uma maior amplitude de análise.

Os sujeitos pesquisados foram os alunos participantes do intercâmbio internacional de Convênios Específicos, Bramex, Pec G e Ciência sem Fronteira da UFSM dos anos de 2010, 2011, 2012 e primeiro semestre de 2013.

A pesquisa foi desenvolvida, nos meses de junho a julho de 2013 e a população estudada compreende os alunos participantes dos convênios no ano de 2012 e 2013.

Para cada elemento da população foi enviado um email com as informações necessárias para acesso e preenchimento do questionário. Este acesso foi por meio do link da página da UFSM, sendo necessário utilizar o usuário e a senha do portal do aluno na UFSM.

O questionário está dividido em duas categorias: a primeira contém dados sobre o perfil, valendo-se das informações do banco de dados institucional e a segunda parte

sobre os pontos positivos e negativos da mobilidade acadêmica internacional na sua formação, conforme Quadro 1.

<b>Categoria</b>	<b>Variáveis</b>
<b>Identificar o perfil pessoal</b>	Sexo Idade Nacionalidade
<b>Mobilidade Acadêmica</b>	Citar os pontos positivos da mobilidade Citar os pontos negativos da mobilidade

**Quadro 1-** Síntese das categorias e das variáveis do instrumento aplicado aos alunos participantes do intercâmbio internacional.

Neste item apresentamos uma síntese do instrumento de pesquisa onde constam os objetivos específicos com as respectivas questões avaliadas. No próximo item apresentamos os resultados.

### **3 Resultados**

De acordo com os dados mais recentes da Unesco Institute for statistics (UIS), pelo menos, 3,6 milhões de estudantes em 2010, foram matriculados no ensino superior no estrangeiro, contra 2.000.000 em 2000. A mobilidade acadêmica internacional reflete a rápida expansão das matrículas no ensino superior no mundo, que cresceu 78% em uma década. Com relação à UFSM, conforme informações da SAI, foram firmados 128 convênios entre Instituições Estrangeiras.

Nos últimos 4 anos as atividades da SAI tem intensificado no tocante aos convênios firmados com IES estrangeiras, nas mobilidades acadêmicas internacionais IN e OUT e, principalmente, após a implantação do Programa Ciências Sem Fronteiras do Governo Federal.

Para caracterizar o perfil dos participantes da pesquisa valeu-se do método estatístico descritivo, por meio da distribuição de frequências e cálculo das médias, os quais são sugeridos por Dancey e Reidy (2006). Para fazer os cálculos das médias, optou-se pela utilização do *software* Excel versão 2007 devido à praticidade e domínio da ferramenta. As características da amostra que participou do estudo encontram-se na Tabela 2. Quanto ao gênero, observa-se que há um equilíbrio entre o feminino e masculino no ano de 2010, já nos outros períodos ocorre um predomínio de mulheres no intercâmbio internacional. Quanto à faixa etária, pode-se observar, conforme a Tabela 2, que a média ficou em torno de 24 a 27 anos nos períodos de 2010, 2011, 2012 e 2013.



Os dados apresentados revelam que os alunos de nacionalidade argentina representam maior número no ano de 2010, 2011, 2012 e 2013. De acordo com os dados, em segundo lugar ficam os alunos provenientes do próprio país, mas somente no ano de 2010 (14 alunos). Em 2011 o total de alunos depois da nacionalidade argentina são os de nacionalidade paraguaia (6), fato que ocorreu também em 2012 (4) e, em 2013 a nacionalidade mexicana foi a segunda com cinco (5) participantes.

**Tabela 2 – Perfil dos Pesquisados**

VARIÁVEIS	ANO			
	2010	2011	2012	2013
<b>Total</b>	<b>48</b>	<b>37</b>	<b>43</b>	<b>34</b>
<b>SEXO (%)</b>				
Feminino	52,08	64,86	65,12	73,53
Masculino	47,92	35,14	34,88	26,47
<b>IDADE MÉDIA (anos)</b>				
	27,62	26,35	24,67	24,42
<b>NACIONALIDADE (frequência)</b>				
Alemã		1	3	2
Argentina	14	16	20	17
Brasileira	14	3	1	
Brasileira Naturalizada(o)	3			
Chilena	2	2		2
Colombiana			2	
Cubana	1			
Espanhola	4	2	3	3
Inglesa			1	2
Italiana	6	2	1	
Mexicana			2	5
Norte Americana	2	2	3	2
Paraguaia	1	6	4	1
Peruana		1		
Uruguaia	1	2	3	1

Observa-se que quanto ao continente, a América do Sul no âmbito da UFSM é representada com o maior número de estudantes participantes da mobilidade acadêmica no ano de 2010 (66,67%), 2011 (83,80%), 2012 (67,45%) e 2013 somente no primeiro semestre este percentual representa 61,76% em relação à Europa e América do Norte. Isto vai ao encontro o que argumentam Piletti e Praxedes (1998) que o acordo do Mercosul foi firmado em 26 de março de 1991, tendo como signatários, naquele momento, os seguintes países: Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai, com a proposta principal de potencializar a interação comercial entre os seus membros. Diante desse acordo, as intenções, protocolos e relações entre esses países vêm se alterando e

consolidando de forma a influenciar outros setores das políticas públicas, como é o caso da educação.

Considerando as questões referentes aos pontos positivos e negativos da mobilidade acadêmica internacional, optou-se por disponibilizar o questionário para 40 alunos que atendessem a maioria das nacionalidades e que foi disponibilizado no portal do aluno inserido no SIE.

Quanto ao perfil destes alunos eles representam 50% feminino e 50% masculino, revelando um equilíbrio entre os gêneros. A média de idade é de 22 anos. Pode-se observar que a área de engenharia é onde ocorre uma maior concentração (20%). Os alunos Intercâmbio (25%) estão distribuídos nas mais diversas áreas, sendo que no SIE eles estão cadastrados como curso “Aluno Intercâmbio” não vinculado a nenhuma área.

**Tabela 3 – Área de Conhecimento**

Área de Conhecimento	%
Ciências Exatas e da Terra	12,50
Ciências Agrárias	15,00
Ciências da Saúde	10,00
Ciências Humanas	2,50
Ciências Sociais Aplicadas	7,50
Engenharias	20,00
Filosofia	2,50
Linguística, Letras e Artes	5,00
Aluno Intercâmbio	25,00

No que se referem aos pontos positivos de sua mobilidade acadêmica internacional, os recorrentes apontados pelos alunos foram o conhecimento de novas culturas, a formação acadêmica, a aprendizagem da língua estrangeira, o crescimento e independência pessoal e a própria experiência internacional.

Nos pontos negativos da mobilidade acadêmica foram destacados a dificuldade da língua estrangeira, a saudade da família, os trâmites burocráticos, a falta de um programa institucional de recepção na instituição estrangeira, e a dificuldade de achar hospedagem.

Nesta análise pode se evidenciar que a questão linguística é destacado como ponto positivo e negativo, sendo esta o ponto de mais impactante na realização da mobilidade acadêmica internacional.

No Quadro 2 é destacado as sinalizações dos pontos positivos e negativos da mobilidade acadêmica internacional realizada pelos alunos:

<b>Pontos positivos</b>	Conhecer e viver uma cultura diferente; Aprender uma língua estrangeira; Experiência de convivência internacional; Aumento na da independência e do crescimento pessoal; Formação Acadêmica. .
<b>Pontos negativos</b>	Falta de apoio de programas de recepção na universidade estrangeira; Saudades da família; Dificuldade de estudar em outro idioma; Dificuldades em encontrar um lugar para morar; Trâmites burocráticos.

**Quadro 2** - Pontos Positivos e Negativos da Mobilidade Acadêmica Internacional

#### **4. Conclusões**

Este estudo nos mostra que o processo de internacionalização da Educação Superior Brasileira é pautado nas parcerias internacionais sejam elas convênios, redes universitárias ou programas de incentivos a mobilidade acadêmica internacional.

Para atingir o objetivo proposto foi analisado o perfil dos alunos que buscam realizar mobilidade acadêmica, destacando o sexo, a idade, a nacionalidade e as áreas de conhecimento. O estudo destacou também os pontos positivos e negativos da sua mobilidade. Neste aspecto podemos ressaltar que o domínio da língua estrangeira é um dos fatores impactantes na realização da mobilidade. Cabe referenciar que para o Programa Ciência sem Fronteiras foi possibilitado as Universidades a adesão ao Inglês sem Fronteiras, onde as instituições implementarão e fornecerão cursos de inglês aos alunos inscritos neste programa. Outro destaque na análise destes pontos foi a falta de um Programa Institucional de Recepção aos alunos estrangeiros. No caso da UFSM, no ano de 2011 foi implantado o Programa de Apadrinhamento, com objetivo de recepcionar e imergir os alunos estrangeiros na comunidade universitária.

Ainda, com este estudo, pretendeu-se demonstrar o cenário da mobilidade acadêmica internacional divulgando os aspectos facilitadores e restritivos e, assim, buscando novos caminhos e iniciativas que possam contribuir com o processo de internacionalização da educação superior.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AUGM. **Associação das Universidades do Grupo de Montevideu**. Disponível em : <http://www.grupomontevideo.edu.uy/>. Acesso em Ago de 2013.

BATISTA, J. S. M.; **O processo de internacionalização da instituição de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia**. Dissertação, USP. Ribeirão Preto, 2009.

BRASIL. Decreto nº 7.642 de 13 de dezembro de 2011. **Institui o Programa Ciência sem Fronteiras**. Brasília, 13 dez. 2011: 190º da Independência e 123º da República.

BRASIL. Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013. **Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G**. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530id=12276option=com\\_contentviewmost](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=530id=12276option=com_contentviewmost). Acesso em: 10 de Ago de 2013.

COLOSSI, Nelson; CONSENTINO, Aldo; QUEIROZ, Ety Guerra de. **Mudanças no contexto do ensino superior no Brasil: uma tendência ao ensino colaborativo**. *Revista FAE*, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 49-58, jan/abr. 2001.

CRESWELL, John. **Research Design: Qualitative, Quantitative, And Mixed Methods Approaches**. London: Sage Publications, 2008.

DANCEY, Christine; REIDY, John. **Estatística sem matemática para psicologia**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, p. 107, 1997.

GCUB. Grupo Coimbra das Universidades Brasileiras. **Acordo Específico para o Intercâmbio Brasil-México**. Disponível em: <http://www.grupocoimbra.org.br/coimbra>. Acesso em 13 de Ago de 2013.

KNIGHT, Jane. An Internationalization Model: Responding to New Realities and Challenges. In: WIT, H. et al. (Eds). **Higher Education in Latin America: The International Dimension**. Washington: The World Bank, 2005.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Ed. 4. Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo Oposição ou Complementariedade? *Cad. Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 239-282, 1993.

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.

MOROSINI, Marília Costa; LAUS, Sonia Pereira. The Internationalization of Higher Education in Brazil. In: WITT, H. et al (Eds.). **Higher Education in Latin America: The International Dimension**. Amsterdam: University of Amsterdam, 2005. p. 111-148.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Mercosul, competitividade e educação**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 12, n. 34, pp. 219 – 233, 1998.

SILVA, Edna Lucia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p. Disponível em:<<http://www.portaldeconhecimentos.org.br/index.php/por/content/view/full/10232>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

STALLIVIERI, Luciane. **O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior**. Educação Brasileira, Brasília, v. 24, n. 48-49, p. 35-57, 2003.

\_\_\_\_\_, **Estratégias de Internacionalização das Universidades Brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

UNESCO Institute for statistics (UIS) **Global flow of tertiary-level students** Disponível em: <http://www.uis.unesco.org/EDUCATION/Pages/international-student-flow-viz.aspx>. Acesso em: 1 Jul de 2013.

VELA, Hugo Aníbal Gonzalez A Associação de Universidades Grupo Montevideo: Vetor de Conhecimento e Cooperação Universitária no Mercosul. In: Cleuza Alonso. (Org.). **Reflexões Sobre Políticas Educativas**. Santa Maria - RS: UFSM, 2005, p. 9-19.